

A FILOSOFIA É UMA CRIANÇA!

A atitude crítica de Marilena Chauí em Marcelo, Marmelo, Martelo

Ana Lepikson

Discente do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela UFBA

Resumo:

Esse trabalho objetivou analisar a atitude crítica de Mariana Chauí presente na curiosidade infantil, exemplificada pelo personagem Marcelo, do livro infantil de Ruth Rocha. Para tal, utilizou-se das pesquisas sobre a infância na filosofia feitas por Hershovitz e Kohan, bem como análises de considerações estabelecidas sobre os filósofos consolidados Sócrates e René Descartes. Percebeu-se que o ímpeto do saber filosófico é inalienável da curiosidade infantil, ao mesmo tempo em que esta é também fundamentalmente filosófica por essência.

Palavras-Chave: infância, filosofia, atitude crítica, questionamentos filosóficos.

*Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:
 “Papai, por que é que a chuva cai?”
 “Mamãe, por que é que o mar não derrama?”
 “Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?”
 As pessoas grandes às vezes respondiam.
 Às vezes, não sabiam como responder.
 “Ah, Marcelo, sei lá..”.*

— **Marcelo, Marmelo, Martelo** (Ruth Rocha).

A experiência da infância, marcada pelo início das relações do sujeito com o mundo que o cerca (e da processual descoberta de sua própria existência), é marcada por constantes, profundos e recorrentes questionamentos — ora, um terreno fértil para a prática filosófica. Em verdade, crianças continuamente dão voz à curiosidade e confusão gerados pelo simples fato de se estar vivo: para elas, tudo é muito novo, e as convenções pré-estabelecidas e normalizadas pela vida adulta se encontram menos rígidas.

À medida que envelhecemos, em muitos meios, as normas sociais e exigências sistemáticas atenuam a fertilidade questionadora que existe no âmago infantil: em muitos, mas não todos. A filosofia sobrevive como área que se debruça sobre questionamentos de ordem “infantil” e, portanto, enfrenta críticas a respeito de sua serventia e funcionalidade. A verdade é que, com frequência, adultos banalizam a curiosidade infantil, cegados pelos juízos e convicções que já tornaram inquestionáveis em suas vivências. Não há, portanto, espaço para a filosofia; afinal, é a partir da negação de nossos “saberes” mais básicos que podemos exercê-la.

Neste texto, busco defender a ideia de que a infância e suas perguntas indagadoras são essencialmente filosóficas. Tendo como inspiração o capítulo “01 – Para que Filosofia?” de “Um Convite à Filosofia”, escrito por Marilena Chauí (1995), e pelo encantador livro infantil “Marcelo, Marmelo, Martelo”, de Ruth Rocha (1976), explorarei como as crianças, tomadas por espanto e fascínio genuínos acerca da realidade que as cerca, são a mais pura manifestação da filosofia — e, de maneira reflexiva, a filosofia tem como âmago a conservação do espírito infantil.

1. O fazer filosófico

Para Marilena Chauí (1995), o esforço de definir a filosofia é invariavelmente ensimesmado, uma vez que, ao fazê-lo, o resultado sempre será também uma produção filosófica. A autora, porém, consegue estabelecer um ponto inicial: “Assim, uma primeira resposta à pergunta ‘O que é Filosofia?’ poderia ser: A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas” (Chauí, 1995, p.9).

Durante a infância, porém, nada é *de fato* óbvio e evidente, ou ao menos não em totalidade. Isso se explicita na linha de raciocínio de Marcelo, protagonista de “Marcelo, Marmelo, Martelo” (Rocha, 1976), ao longo de toda a história, como demonstrarei adiante.

O livro de Ruth Rocha é um clássico nas estantes de crianças brasileiras desde seu lançamento, em 1976, justamente por ser capaz de compreender e retratar a experiência infantil do questionamento do mundo com sutil (e divertida) acurácia. Marcelo é um garoto de cerca de seis anos de idade, conhecido por “viver fazendo perguntas a todo mundo”, assim como a grande maioria de crianças em sua faixa etária.

Chauí (1995), ao dissecar o fazer filosófico, determina que sua gênese está na **negativa**, consistindo, essencialmente, em destituir os saberes pré-estabelecidos como certezas estipuladas, ou, nas palavras da autora: “dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que ‘todo mundo diz e pensa’, ao estabelecido.” (Chauí, 1995, p. 9). A negativa não é novidade no pensamento filosófico, podendo ser verificada simultaneamente nos ímpetos modernos de René Descartes (1637/2001), ao propor a suspensão do juízo em nome da dúvida hiperbólica que orienta a sua filosofia, e nos mais clássico dos mantras socráticos: “Só sei que nada sei” (Platão, 484 aC/2002).

A autora prossegue a argumentação, então, formulando que a segunda atitude filosófica, após a negativa, é **positiva**. Agora, a filosofia, tendo negado pressupostos como corretos, busca questioná-los, pô-los em xeque de maneira investigativa, isto é: “(fazer) uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós,

e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira.” (Chauí, 1995, p. 9). É a partir da associação da negativa à positiva que se dá a atitude crítica, como nomeia a autora, que vem a orientar a filosofia como um todo.

É essencial, portanto, ao exercício filosófico, que o pensador seja capaz de desatar-se das amarras trazidas pelo saber estipulado, pois só a partir de sua negação é possível exercer o questionamento, a dúvida (movimentada pela atitude crítica) que propulsiona a filosofia. Entretanto, sob a perspectiva da infância, nada precisa ser *desatado*: as amarras não estão bem enroscadas, em primeiro lugar. É nessa fase da vida em que as percepções começam a se moldar, e justamente por isso, encontram-se mais plásticas; o suficiente para que a negação das certezas que permeiam a vida adulta seja um passo natural para uma criança, como Marcelo, protagonista de Ruth Rocha (1976), deixa muito claro:

— Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
 — Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
 [...]
 — E por que é que não escolheram marmelo?
 — Porque marmelo é nome de fruta, menino!
 — E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?
 (Rocha, 1976, p. 9)

No trecho em questão, enquanto a categorização de nomes (nomes *de fruta*, *nomes de gente*, etc.) já é uma predefinição estabelecida aos pais, adultos formados, a ideia é **recusada** por Marcelo, que a põe em dúvida, e questiona *por que* as coisas são assim. O mesmo raciocínio não é compartilhado pelo “mundo adulto” — ao menos, não por adultos não-filósofos —, e os questionamentos propostos por Marcelo são facilmente diminuídos a “bobeira de criança”. No entanto, eles seguem exatamente a lógica proposta por Chauí (1995) ao categorizar o fazer filosófico.

— Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende...
 — Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?
 [...]
 O pai de Marcelo suspirou:
 — Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...

(Rocha, 1976, p. 12)

2. Filosofar como uma criança

Para o professor de Filosofia na Universidade de Michigan, Scott Hershovitz, “todas as crianças são filósofas porque estão confusas com o mundo e estão tentando compreendê-lo” (Hershovitz, 2023). Foi a partir dessa consideração que Hershovitz obteve inspiração para reunir, em um livro, questionamentos de crianças em sua volta, cujo caráter inerentemente filosófico era muitas vezes despercebido (ou não valorizado) pelos adultos de seu convívio.

Analogamente, tal desvalorização, que reduz questionamentos filosóficos (como vimos, infantis) a “bobeiras” fúteis ou improdutivas, foi direcionada a diversos filósofos ao longo da história. O próprio Sócrates, cuja figura foi popularizada como de pai da filosofia, teve sua retórica acusada de infantil por Cálicles:

É belo o estudo da filosofia até onde for auxiliar da educação, não sendo essa atividade desdouro para os moços. Mas, prosseguir nesse estudo até idade avançada é coisa supinamente ridícula, Sócrates, reagindo eu à vista de quem assim procede como diante de quem se põe a balbuciar e brincar como criança. Quando vejo uma criança na idade de falar dessa maneira, balbucizando e brincando, alegre-me e acho encantador o espetáculo, digno de uma criatura livre e muito de acordo com aquela fase da existência; porém, se ouço uma criaturinha articular com correção as palavras, doem-me os ouvidos e acho por demais forçada essa maneira de falar, que se me afigura linguajar de escravos. Falar um adulto, pelo contrário, ou brincar como criança é procedimento ridículo, indigno de homens e merecedor de açoites. É precisamente isso que se dá comigo com relação aos que se dedicam à filosofia. (Platão, 484c/2002)

Verifica-se então que mesmo Sócrates, que viria a se tornar lendário para os filósofos que o sucederam, era compreendido pelos outros como se pusesse a “balbuciar e brincar *como criança*” (Platão, 484c/2002). A filosofia apresenta, novamente, sua face intrinsecamente *infantil* — e socialmente, há algo condenável em assemelhar-se a uma criança. A suposta futilidade e improdutividade que a isso se atrelam são como uma ameaça à sociedade “crescida”.

Válido reforçar como Cálicles, interlocutor de Sócrates no trecho acima, era um legislador; portanto, a ideia de questionamentos que não promovem um

fim claro, lógico e direto (discutivelmente, pensamentos filosóficos) lhe parecia “inútil” ao bem da Pólis.

Há algo menor, muito infantil (no sentido mais banal da palavra) nesse andar questionando as coisas sem fim. Além disso, ela não só é inútil como também perigosa, pelos desvios, incertezas, estranheiridades, pela sua incapacidade de formar as crianças para o mundo "real". Por isso, ela deve ser expurgada da *pólis*. (Kohan, 2005)

A questão da funcionalidade filosófica é também discutida por Marilena Chauí (1995), que argumenta: “Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata.” (Chauí, 1995, p. 10). Portanto, tratando finalidade como aplicação prática de produtos obtidos em tal área do saber, a autora defende que a filosofia *não serve para nada*, e nem deve vir a servir, uma vez que conter o fazer filosófico com rigidez hermética ferir-lhe-ia a própria essência do existir.

Assim, trata-se também de outro questionamento que porventura surja: se toda criança é por natureza filósofa e todos nós fomos um dia crianças, por que apenas filósofos são capazes de conservar a atitude crítica que precede o fazer filosófico? Para Hershovitz (2023), a questão está contida justamente na busca ávida por funcionalidade, que tanto é cobrada na vida adulta: “Pensar não é um luxo, porque todos pensamos, o que é um luxo é ter tempo para pensar naquilo que queremos pensar, em vez de pensar naquilo que os outros nos obrigam a pensar.”

Estar contido “naquilo que os outros nos obrigam a pensar” (Hershovitz, 2023) é anti-filosófico por natureza, porém, de certa forma, é também uma consequência de tornar-se adulto. No enredo de Ruth Rocha (1976), Marcelo, em seu fazer filosófico irrefreável, põe em questionamento todas as palavras que conhece, inventando uma nova língua a partir de lógica própria. Seus pais argumentam, ao longo do livro, que assim seria impossível estabelecer qualquer comunicação: ora, preocupam-se com a *funcionalidade*. Evidentemente, a lógica

proposta por Marcelo não era em todo incompreensível (palavras eram substituídas por significantes de outra ordem, como casa/moradeira, solário/dia, incendiar/embrasar etc), e no final da história, os adultos passam a também se comunicar com Marcelo em seu idioma inventado. Foi necessário que tivessem a liberdade de abrir mão dos pressupostos sociais em nome da “banalidade infantil” de Marcelo — e também da filosofia.

Marilena Chauí (1995), ainda no processo de desvendar onde está a origem do agir filosófico, cita ambas as visões de Platão e Aristóteles, que a atribuem à admiração e ao espanto, respectivamente. Ambos significam, essencialmente, o mesmo: filosofa aquele que, deparado com o mundo, deixa-se afetar por ele e sua magnitude (despertando em si admiração ou espanto), e partir daí, passa a indagar. “[...] como se estivéssemos acabando de nascer para o mundo e para nós mesmos e precisássemos perguntar o que é, por que é e como é o mundo, e precisássemos perguntar também o que somos, por que somos e como somos.” (Chauí, 1995, p. 10)

A criança, no entanto, está *de fato* nascendo para o mundo e para si mesma. Seu exercício filosófico é autêntico à sua própria existência, pois é a partir daí que se desenvolverá sua compreensão de si e de seu ambiente: tudo mediado pela natureza infantil do perguntar. É essa também a natureza da própria filosofia. “Como criança” balbuciava Sócrates, e são infantis a admiração e o espanto de Platão e Aristóteles, que enxergam a realidade “como se estivessem acabando de nascer para o mundo” (Hershovitz, 2023).

Parece admissível, então, que a natureza da infância, com suas questões existenciais tão pouco valorizadas pelos adultos, seja inalienável da filosofia — que é também, por sua vez, continuamente desvalorizada pela sociedade como campo do saber. “A filosofia e a infância andam de mãos dadas, pois aquela não é outra coisa senão a ‘infância do pensamento’, ou seja, essa infinita potência de recomeço no pensamento que a pergunta instaura e mostra que, em última instância, quando pensamos, estamos sempre no começo.” (Lyotard, 1989, citado por Kohan, 2015).

Porquanto, fomos todos filósofos, e assim o são todas as crianças. A vida adulta e sua amargura de refletir um sistema que busca o prático, o útil e o funcional atua como mecanismo castrador para o espírito naturalmente questionador e filosófico das crianças e, como exemplificado pelos filósofos supracitados, em nome do fazer filosofia, é requerido que o adulto ponha-se em contato com a criança que um dia foi: capaz de negar o óbvio, questionar as convenções e tratar o mundo com olhos recém-nascidos — como fez o Marcelo de Ruth Rocha (1976) e como fazem todas as outras crianças menos famosas.

3. Brincando de filósofo

Em nome delas e do valor de suas indagações, filosóficas por natureza, pedi às pessoas em minha volta que compartilhassem comigo reflexões feitas por si próprios durante a infância ou por crianças que conheceram. Adiante, reúno algumas delas.

“Mãe, se o sabonete é colorido, por que a espuma que sai dele é sempre branca?”

*“Vovô? De onde veio ‘a gente’? Tipo, de onde veio a primeira pessoa de todas?”
“Se o cachorro entende o que a gente fala, mas a gente não entende o que ele fala, então o cachorro é mais esperto do que nós?”*

“Se dá pra fazer bolha de sabão, por que eu não consigo fazer cubo de sabão?”

“- Meu pai me disse que vai ter um bolo gigante porque é aniversário de Salvador.

- E quem vai apagar a vela?

- Salvador, oras!

- Não pode, Salvador é onde a gente mora.

- Pró, quem vai apagar as velas do bolo?

Prof: Acredito que as pessoas que moram em Salvador e forem lá cantar os parabéns.

- Não vai ter vela pra tanta gente!

- Vai ter bolo pra todo mundo, meu pai me disse. Então deve ter vela também.

- Tem que ser quantas velas igual a quantos anos. Pró, quantos anos Salvador vai fazer?

Prof: 470 anos

- Ixi! Salvador não vai morrer nunca???”

“Vovó, você já reparou que nunca dá pra ser totalmente feliz? Quando eu tô aqui, eu sinto saudade da minha casa. E quando eu tô na minha casa, eu sinto saudade de estar aqui. Sempre tem alguma coisa que me deixa um pouquinho triste.”

“O sol eu tenho pena porque não tem nem estrelinhas com ele. Ele é tão poderoso, tão poderoso, que queima tudo e fica sozinho.”

“O que acontece se eu tirar uma foto de você segurando uma foto de você segurando uma foto de você segurando uma foto... vai ficar indo assim pra sempre?”

“Poxa vida, o amanhã não vai chegar nunca? Porque quando chegar amanhã, o amanhã de hoje vai ser o hoje de amanhã, né?”

“A gente sonha porque nosso cérebro é cheio de energia, aí ele não descansa nem pra dormir.”

“Mamãe, eu queria fazer a sua vontade, mas eu só consigo fazer a minha.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Chauí, M. (1995). *Convite à filosofia*. São Paulo, SP: Ed. Ática.

Descartes, R. (2001). *Discurso sobre o método*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, SP: Martin Fontes.

Hershovitz, S. (2023). *Uma pergunta feita por uma criança é uma oportunidade única*. Entrevista concedida a Barbara Wong. Portugal: Público. Disponível em: <https://www.publico.pt/2023/06/01/impar/noticia/desafio-pensar-profundidade-luxo-considera-2049325>. Acesso em: 05/08/2023

Kohan, W. O. (2015). Visões de filosofia: Infância. *Alea: estudos neolatinos*, 17(2).doi: 10.1590/1517-106X/172-216

Platão (2002) *Protágoras / Górgias / Fedão*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª ed. Belém, PA: EDUFPA.

Rocha, R. (1976). *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*. Rio de Janeiro, RJ: Salamandra.